

Amazonia no antropoceno: observações, questões e desafios

Nicholas C. Kawa

Introdução

Bom dia a todos e todas. É um grande prazer estar aqui com vocês. Primero, quero agradecer a Tiago Jacaúna pelo convite e por organizar essa palestra e o debate que vai seguir depois. E também quero agradecer a todos vocês por sua presença aqui hoje.

Eu cheguei aqui em Manaus pela primeira vez em janeiro de 2003. Eu tinha me formado em antropologia na Universidade de Arizona (EUA) mas vim trabalhar como professor de inglês na escola Fisk do Parque 10. Depois de alguns meses, eu sabia que professor de inglês não era a carreira que eu queria, mas eu estava tão animado com a minha vida em Manaus que eu resolvi procurar outras oportunidades na cidade. No Fisk eu tinha a grande sorte de conhecer Francisco Gonçalves do INPA e ele me apresentou para Newton Falcão quem estava desenvolvendo pesquisas pedológicas sobre a terra preta do índio. Eu tinha lido sobre essas terras antropogênicas num curso de antropologia ambiental e queria aprofundar o meu conhecimento desses solos e sua relação a ocupação humana na Amazônia. Newton me aceitou como estagiário no laboratório dele e embora não consegui uma bolsa Fulbright para desenvolver a minha própria linha de pesquisa com ele, eu decidi que eu queria estudar o uso e manejo da terra preta por pequenos agricultores da região Amazônica. Eu acabei indo para Universidade da Florida para fazer o mestrado e doutorado em antropologia, e passei uma parte de 2007 e um ano inteiro entre 2009 e 2010 fazendo pesquisa etnográfica no município de Borba sob orientação do Charles Clement do INPA.

Nesse percurso todo, passei muito tempo pensando na Amazonia que eu conheci através das imagens na televisão e a Amazonia que eu vivi no dia-a-dia em Manaus. Eu tenho que admitir que eu fiquei um pouco decepcionado quando a única onça que eu vi foi no zoológico do CIGS e os botos que observei no porto de Manaus Moderno se alimentaram de peixe que vivia do lixo orgânico do mercado. Até mesmo quando eu comecei a fazer pesquisa no interior do Amazonas, eu vi as varias formas pelas quais os seres humanos tinham transformado a paisagem Amazônica, na pre-historia e nos tempos mais recentes. Para resumir, a natureza Amazônica era bem diferente do que eu esperava—nada parecia muito “natural”. (SLIDE)

Três anos antes que eu cheguei em Manaus, o químico atmosférico e ganhador do prêmio Nobel, Paul Crutzen, declarou que tínhamos entrando numa nova época geológica: o antropoceno, um período dominado pelo ser humano. Mudanças observadas no sistema climático, na biodiversidade global e até mesmo nos processos geológicos indicavam que seres humanos tinham alterado radicalmente o planeta. Hoje muitos acham que o reconhecimento formal dessa nova época geológica é um passo importante para mobilizar ação ecológica mundial.

Mas, enquanto os seres humanos são implicados nos processos climáticos, biológicos e geológicos do planeta, as distinções entre fenômenos naturais e culturais tornam-se cada vez mais problemáticas e apresentam varias contradições. Embora o ser humano é visto agora como uma força independente que domina o planeta, furacões em Nova York e Nova Orleans, e maremotos no Japão e na ilha de Java, demonstram claramente que a humanidade não controla as forças do planeta, muito menos é a única força no planeta.

Hoje eu quero falar um poquinho sobre essas contradições do antropoceno e como a antropologia da Amazonia pode servir para questionar e complicar o conceito dessa nova época geológica. Também quero compartilhar os problemas que eu vejo com o antropoceno, não somente no jeito que é conceitualizado mas também nos desafios que ele apresenta para a humanidade. Finalmente, vou falar sobre um novo projeto que estou desenvolvendo com a minha esposa Sydney Silverstein – que é antropóloga também – na cidade de Iquitos na Amazônia peruana onde a gente está pesquisando o que eu estou chamando das ecologias perturbantes da Amazônia urbana. Eu vou sugerir que em vez de simplesmente degradar o meio ambiente, a atividade humana é capaz de criar novos ciclos ecológicos, mas que não necessariamente favorecem a presença humana.

Problema 1 - o eurocentrismo do antropoceno

Embora as origens do antropoceno sejam debatidas, muitos pesquisadores das ciências naturais e humanas percebem essa nova época geológica como uma consequência óbvia do capitalismo industrial e à queima de combustíveis fósseis que estão produzindo impactos drásticos no clima do planeta. Um problema fundamental com essa visão do antropoceno é que ele é marcado por um certo eurocentrismo (**SLIDE**). Já que muitos estudiosos localizam as origens do antropoceno na revolução industrial da Europa, os países industrializados ficam como os protagonistas principais desse drama enquanto os povos das nações não industrializadas muitas vezes são ignoradas ou retratadas como vítimas infelizes.

Para falar de uma forma meio-esencialista, o quadro conceitual do antropoceno sugere que existem dois tipos de pessoas no mundo: aqueles que têm o poder para estragar o planeta e aqueles que são impotentes para impedir a sua estraga.

Este enquadramento problemático da humanidade e as relações entre o ser humano e o meio ambiente podem ser vistos na maioria das representações dos habitantes da Amazônia também. As duas caricaturas mais comuns do povo amazônico são aquelas que destroem a floresta e aqueles que servem como os guardiões veneráveis e vulneráveis (**SLIDE**). Os primeiros são geralmente garimpeiros, fazendeiros, e madeireiros ilegais, enquanto os últimos são tipicamente povos indígenas que vivem nas áreas mais isoladas da região. No entanto, a grande maioria das pessoas na Amazônia hoje em dia não se alinha facilmente com nenhuma dessas representações, nem seus meios de subsistência podem ser colocados em categorias simples daqueles que "causam extremos danos ecológicos" e aqueles que "promovem a conservação ambiental" (**SLIDE**). Embora a Amazônia é vista tipicamente como periférica para o desenvolvimento do capitalismo industrial, muitas comunidades onde eu fiz pesquisa etnográfica no município de Borba tem origem no auge do ciclo da borracha, o período em que a Amazônia alimentou diretamente a industrialização moderna fornecendo a Europa e América do Norte com a borracha natural. Se aceitarmos o capitalismo industrial como o motor do antropoceno, a Amazônia atual é povoada por descendentes de pessoas que foram responsáveis por fornecer algumas das suas partes mais críticas.

Mas, mesmo que a Amazônia tenha sido integrada no sistema capitalista global, ribeirinhos da Amazônia mantêm formas distintivas de conhecimento ecológico devido ao envolvimento direto com o meio ambiente através das atividades diárias de subsistência (**SLIDE**). Agora não quero romantizar a vida do ribeirinho, mas acredito que suas formas de conhecimento ecológico formam uma visão das relações entre o ser humano e o meio ambiente que é bem diferente da

visão do mundo que sustenta o antropoceno. Ao invés de ver a humanidade como o governante da terra ou no centro do universo, o povo riberinho geralmente reconhece a agência de um grande número de seres que desafiam as intenções e os desejos dos seres humanos. Isso nos leva ao segundo problema fundamental do antropoceno, e talvez o mais preocupante, o que é o seu antropocentrismo (**SLIDE**).

Problema 2 – o antropocentrismo do antropoceno

Uma das justificativas para o conceito do antropoceno é chamar a atenção para os impactos penetrantes da humanidade no planeta, que são prejudiciais para humanos e vários outros organismos que vivem na Terra. No entanto, o antropoceno adota uma visão profundamente antropocêntrica do mundo, que é discutivelmente a raiz dos problemas ecológicos atuais que enfrentamos. Em outras palavras, o antropoceno coloca os seres humanos no centro do mundo atual enquanto a vasta gama de outras espécies que habitam a Terra são tratadas como escravas dos caprichos da humanidade.

Quando comecei a fazer pesquisa no interior do Amazonas, eu estava principalmente interessado nas formas em que populações humanas tinham alterado a paisagem amazônica através do manejo de solos, florestas e plantas econômicas. Mas, nas minhas conversas com pequenos agricultores, muitos deles chamava atenção para as ações do meio ambiente e as demandas que colocou na vida deles (**SLIDE**). Agricultores que plantavam abacaxi no assentamento fora da cidade de Borba ficaram frustrados com o ataque de cochonilha que espalhava um vírus, conhecido como murcha-do-abacaxizeiro, que danificou várias hectares de plantio. Nas comunidades da várzea, o pessoal me contou como perderam grandes plantios de cacau e açaí devido a grande enchente de 2009. A maioria deles tinha que depender de assistência do governo

e apoio familiar para sobreviver nos meses que esperavam para a água baixar. Mesmo os agricultores que tiveram a sorte de ter acesso a terra preta do índio, descreveram os problemas que enfrentaram com o ataque de vários tipos de mato que colonizaram suas roças. Um senhor ainda perguntou se eu poderia usar meus contatos com a IDAM para buscar uma roçadeira para ajudar ele na luta contra os invasores incontroláveis.

Enquanto muitos estrangeiros longe da realidade da Amazônia se preocupam com a força destrutiva da agricultura no meio ambiente amazônico, muitos pequenos agricultores da região vivem lutando uma implacável batalha contra o ataque de pragas, fungos, ervas daninhas e doenças que ameaçam suas roças, sua subsistência e sua sobrevivência. Mesmo quando agrônomos e assistentes técnicos facilitam o acesso aos produtos agroquímicos e outros métodos modernos para enfrentar essas ameaças, os reforços só ajudam ganhar uma minoria das batalhas. Para os pequenos agricultores que conheci, a imagem da "floresta frágil" era um conceito super estrangeiro. Para a maioria deles, o meio ambiente amazônico demonstrava uma tremenda vitalidade que desafiava até as pessoas mais fortes, inteligentes e trabalhadores.

Mas além de escutar sobre os desafios que eles enfrentavam na sua produção agrícola, eu também ouvi muitas histórias nas comunidades do interior que ilustrava a força do meio ambiente e que até a sua capacidade para ação intencional e independente, o que chamamos em termos sociológicos de agência (**SLIDE**).

Um dia de manhã cedo, acompanhei minha amiga Cândida e seus quatro irmãos numa viagem para pescar no Lago Comprido, um lago que aparece na época da seca numa ilha no meio do rio

Madeira. Quando chegamos, atravessamos pântanos, andando encima de troncos caídos e depois fizemos uma curta viagem de canoa através de um igapó antes de chegar num acampamento temporário. Depois de um descanso, alguns de nós fomos procurar um poço para pegar o bodó que queríamos preparar para o nosso almoço (**SLIDE**). Quando saímos do acampamento, entramos num bamburral medonho, cheio de palhas caídas com tremendas espinhas que ficavam nos pés daqueles de nós que tínhamos feito a viagem sem botas.

Na caminhada, a gente chegou até um igarapézinho que tinha secado e formado um canal. Descimos nele e seguimos seu curso (**SLIDE**). Um dos irmãos da Cândida, Sapo, disse que o canal era uma trilha criada por “cobra grande”, a serpente do folclore amazônico. Enquanto eu andava com espinhas de palmeira no fundo dos meus pés, fiquei meditando nessa revelação. Poucos minutos depois, o irmão mais velho da Cândida, que seguiu por trás, gritou para nós. "Ei, pessoal", ele gritou, "vocês acabaram de pisar encima de um sucuriçu!" Eu emiti uma risada, pensando que ele estava brincando comigo, o gringo ingênuo. Mas quando voltei eu o vi colocar a mão na lama e tirar uma cobra de um metro e meio de comprimento (**SLIDE**). Foi, afinal, um pequeno sucuriçu. Sapo agarrou a cobra do seu irmão e levantou: "Olha aí", ele exclamou, "é um dos filhos da cobra grande!" (**SLIDE**)

Como a maioria de vocês já sabem, cobra grande é uma cobra maceta, muito maior do que a maior sucuriçu, e em muitos contos populares ela está implicada na evolução da topografia e hidrologia da região. As flutuações sazonais na precipitação resultam em mudanças constantes no tamanho e na forma dos rios da região, e o acúmulo de sedimento em um banco de areia às vezes pode causar à formação de uma ilha de dia para noite. Em outros casos, um ponto raso na

borda da várzea pode formar uma lagoa fechada, prendendo peixes como o bodó que buscamos naquela tarde. Em seu livro, Na Amazonia, Hugh Raffles (2002) documentou uma série de rios e igarapés esculpidas por populações ribeirinhas, alguns que foram simplesmente limpos ou ampliados, enquanto outros foram escavados laboriosamente por comunidades inteiras. Mas, quando a origem de um canal é ambígua, ou não existe nenhuma historia associada com a sua criação, muitas vezes é reconhecido como o trabalho da cobra grande.

Falando com um agricultor sobre sua juventude numa comunidade da várzea que eu visitava com frequência, ele me falou que os "antigos" dissessem que o canal que conectou o lago da várzea ao rio Madeira foi criado por uma grande cobra. Eu tinha ouvido histórias parecidas de outros ao discutir a origem de canais que simplesmente "apareceram" na beira do rio durante a noite. Uma das histórias mais contadas descreveu a aparência de cobra grande na comunidade de Cantagalo, acima da cidade de Borba. Falaram que durante uma festa de santo, um homem cometeu um ato ofensivo que provocava a ira de Cobra Grande. Usando sua cauda com um chicote, cobra grande bateu a terra, criando uma rachadura na frente da comunidade. A rachadura rapidamente se alargou até que uma enorme laje de terra se rompuu, jogando os espectadores para o rio, engolido as suas vítimas na agua barrenta.

Se o nosso objetivo é entender o ambiente amazônico e as relações entre todos os seres e forças que existem dentro dele - a ecologia no sentido mais amplo do termo - então devemos acreditar que as mitologias que falam da agência de seres não-humanos na paisagem Amazônica são importantes para compreender o ambiente regional e sua relação a humanidade. Embora a cobra grande possa não existir da maneira biológica como o sucuriju, é uma metáfora poderosa da

contínua evolução da paisagem amazônica e sua agência. Considerando o antropocentrismo inerente à conceitualização atual do antropoceno, a cobra grande oferece uma visão distinta da ecologia num período que precisa muito dela. (SLIDE)

Problema 3 –a ilusão do controle humano (e as ecologias perturbantes)

"Toda vez que alaga, as pessoas jogam lixo na água. Alguns até cagam no rio. E todos nós nadamos, pescamos e comemos o mesmo peixe [daquela água]. É por isso que as pessoas ficam doentes toda vez que o rio crece ", me contou um homem desempregado de 31 anos de idade (SLIDE). Estávamos sentados em Pueblo Libre de Belén, um bairro humilde na várzea do Rio Itaya perto do centro da cidade de Iquitos. Em 2014, dois anos antes da nossa conversa, o governo federal do Peru declarou que o bairro estava em um estado de emergência, afirmando que era "inabitável e de iminente perigo para a saúde e a vida da população". Pouco tempo depois, o estado propôs reassentar os moradores para uma comunidade planejada, a 13 quilômetros do centro da cidade e a uma hora e meia de ônibus do mercado de Belén, onde a maioria dos moradores trabalhavam.

Hoje, os residentes resistem ao plano de deslocalização enquanto continuam a se adaptar às demandas da vida na várzea. No início da época da cheia, os moradores fazem mutirão (o que eles chamam de 'minga') para construir pontes e muitas famílias também levantam tábuas dentro de suas casas para escapar as águas quando começa a alagar (SLIDE). Alguns indivíduos ainda adotam domicílios flutuantes. Quando as águas vão abaixando, as pontes temporárias são desmontadas e as mingas se formam novamente para limpar o lixo acumulado da vizinhança. Apesar dessas adaptações criativas, os residentes reconhecem que os ciclos da enchente estão

ficando cada vez mais erráticos, e a falta de infra-estrutura e serviços de saneamento básico no bairro complica a vida dos moradores mais ainda.

Hoje mais do que 75 por cento da população Amazônica mora em áreas urbanas. E uma grande parte desses residentes enfrentam problemas devido a inundações imprevisíveis, falta de saneamento básico e doenças transmitidas por animais e insetos. Estas são as ecologias perturbantes da Amazônia urbana no antropoceno (**SLIDE**)

Estou empregando o termo "ecologias perturbantes" aqui para significar relações ecológicas perturbadoras e preocupantes que caracterizam o antropoceno. No entanto, também uso esse termo para sinalizar meu desejo de "perturbar" ou complicar as nossas idéias sobre as ecologias antropocênicas. Em vez de simplesmente degradar sistemas ecológicos, assentamentos humanos como Pueblo Libre mostram como a atividade antropogênica é capaz de criar novos ciclos ecológicos que podem aumentar a presença de insetos, resíduos inorgânicos, e inundações, que por sua vez colocam pressão sobre as populações humanas. Enquanto os residentes de Pueblo Libre desenvolveram técnicas criativas para viver com as enchentes - especialmente através de adaptações arquitetônicas - a falta de apoio estatal para abordar problemas relacionados ao saneamento, manejo de lixo e a saúde pública cria ansiedade entre os residentes e muita preocupação por seus filhos.

O ano passado, entrevistei 77 donos de casa no bairro de Pueblo Libre perguntando sobre problemas ambientais e suas percepções de mudanças climáticas. Além disso, convidei os

moradores a avaliar suas capacidades para responder a problemas ambientais e falar das estratégias que empregam para lidar com a enchente.

Quando conversamos sobre os principais problemas ambientais, a maior parte dos entrevistados ofereceu uma das duas respostas: o lixo (30 de 77) e a enchente (21 de 77) (**SLIDE**). Mas ao invés de ver estes como dois problemas separados, muitos moradores indicaram que eles estavam intimamente ligados. Das 77 pessoas entrevistadas, 21 entrevistados relataram que o lixo (basura) e a poluição (contaminación) estavam entrelaçados com o ciclo da enchente.

"Quando é terra [seca], as pessoas acumulam lixo por todo o lado, e quando a água cresce, todo o lixo que foi acumulado sai para o rio. E quando a água abaixa o lixo está em toda parte", falou de senhor que trabalhava como soldador. No jornal principal da cidade, um artigo comentou que parecia que o bairro era completamente invadido por lixo.

A acumulação de lixo não é apenas um problema para o ambiente local, como também é visto como uma ameaça para a saúde pública (**SLIDE**). Um residente explicou a situação da seguinte maneira: "... todos os anos com o crescimento dos rios, tem muito lixo, e com isso vêm os mosquitos e doenças como dengue e zika. O problema sempre é quando os rios se afastam, deixa muito lixo também.

Outros entrevistados comentaram sobre a ameaça que as mudanças climáticas e as doenças representam para as crianças do bairro. Uma senhora me contou: "É porque os mosquitos que transmitem dengue e zika se acumulam, e como todos sabemos, os mais afetados são as crianças"

(SLIDE). Outra mãe relatou o trauma de quase perder a filha dela nas águas turvas da enchente: "A enchente nos afeta muito" ela me falou. "Minha filha quase se afogou duas vezes. Quando ela tinha oito meses e apenas começou a andar com um andador ... 'BLUM!' ... ela caiu na água. Você não viu nada [na água] ... Fiquei traumatizada pela experiência. Agora, quando a água cresce, eu fico com medo de deixar ela sozinha mesmo que ela seja maior agora".

Nos debates do antropoceno, é comum ouvir que vivemos num período dominado pela humanidade, mas muitos problemas que a humanidade enfrenta hoje são o resultado da nossa incapacidade de conter e controlar completamente as mudanças ambientais que estamos facilitando ou produzindo. No caso de Pueblo Libre, isso inclui 1) enchentes cada vez mais imprevisíveis ligadas as mudanças climáticas, 2) a acumulação de lixo inorgânico criado pelo consumo acelerado de produtos industrializados e 3) a proliferação de doenças transmitidas por carapanãs que reproduzem em densos assentamentos humanos. Embora os projetos de represas, a mineração ilícita, a extração madeireira, e a produção agroindustrial contribuam para o contínuo desmatamento e a degradação ambiental na região amazônica hoje, é geralmente ignorado que a maior parte da população amazônica vive em cidades que enfrentam desafios ambientais muito diferentes.

Em bairros como Pueblo Libre de Belén esses problemas estão se tornando muito difíceis para negar. A deslocalização é uma maneira de lidar com essas questões, e um projeto que o estado peruano ainda está buscando ativamente. No entanto, os residentes suspeitam que aceitar do reassentamento simplesmente vai empurrá-los para a periferia urbana. Não é muito provável que o estado seja mais sensível às suas necessidades se eles se deslocam para uma extensão arenosa a

13 quilômetros do centro da cidade. Em vez disso, a maioria dos residentes quer que seus problemas sejam abordados *in situ* e eles querem permanecer em suas casas. Como alguns falaram de uma forma muito explícita, o deslocamento pelo rio é muito mais aceitável do que o reassentamento forçado pelo estado. Um senhor falou bem assim: "O governo pode dizer o que quer, mas como você vai deixar sua casa? Eles querem mandar a gente para o quilômetro 13 [na rodovia]. Mas como você vai comprar o teu peixe?!? Eles querem tirar a gente daqui, mas como? Se a natureza nos tira, isso é diferente. " (SLIDE)

Conclusão

Todo o debate sobre a própria idéia do "antropoceno" é, em muitos aspectos, enraizado na percepção que estamos em um estado de crise ecológica do qual temos muito pouco controle. Enchentes, secas, maremotos e CO2 atualmente ameaçam deslocar populações humanas em vários pontos do mundo. Seja como for, o antropoceno deve nos ensinar que nós, como seres humanos, temos ampliado a nossa capacidade de alterar a vida no planeta, não necessariamente nosso domínio sobre ela.

Os pequenos agricultores que conheci ao longo dos anos tipicamente se referem ao seu trabalho diário como "a batalha." Eles muitas vezes se vêem envolvidos numa luta contínua contra pragas e doenças, temporais imprevisíveis e ervas daninhas. No entanto, eu também vi o trabalho deles como um tipo de compromisso colaborativo. Embora eles provavelmente iam rir muito desse comentário, a agricultura sempre envolve a colaboração de muitos seres diferentes. Os seres humanos são apenas um desses, e possivelmente um muito importante, mas sempre existem outros. Para ignorar esse fato é dar a falsa impressão de que a humanidade pode fazer o que quiser, o que dá à vontade, sem repercussão, sem resistência. Em vez disso, devemos nos lembrar

que a humanidade mantém relações profundas com o meio ambiente, e tais relacionamentos exigem sensibilidade às ações de outros seres que animam o mundo, incluindo ervas daninhas que colonizam furiosamente as nossas roças e os micróbios que vivem nos solos logo abaixo dos nossos pés. Enquanto alguns pesquisadores, como Will Steffen, afirmam que os humanos têm essencialmente superado as "grandes forças da natureza" (Steffen et al., 2007), acho claro que a capacidade da humanidade de alterar o ambiente biofísico reflete nossa incorporação nos sistemas ecológicos e a nossa dependência contínua sobre eles.

Recentemente, o sucesso de muitas espécies neste planeta está ligado à sua capacidade de adaptar à presença humana. Mas com a enorme perda de biodiversidade e os impactos das mudanças climáticas, parece que a humanidade enfrentará maiores problemas se continuar a negar sua relação e obrigação a outros neste mundo. Como Andrew Pickering argumenta em seus escritos sobre a sociologia da ciência, os seres humanos estão envolvidos numa dança perpétua com o mundo material, sempre procurando novas formas de acomodar suas resistências. Se pensarmos que a humanidade pode cortar este processo todo e levar alguma vantagem sem enfrentar consequências é, na melhor das hipóteses, ingênuo e, no pior, muito perigoso.

A etnografia pode servir um papel valioso neste processo, como Peter Redfield comenta em seu livro *Space in the Tropics*: "... a prática da etnografia mantém um fascínio vital, a promessa de que, se bem feito, oferece muitas recompensas: momentos de experiência, um eco de vozes diferentes e a lembrança crucial de que as coisas poderiam ser de outra forma "(p.12). E talvez este seja o seu maior contributo para o futuro: a lembrança contínua de como as coisas podem e devem ser diferentes.

Ironicamente, a maior lição do antropoceno é que, ao invés de encorajar o antropocentrismo, deve exigir um pensamento mais profundo e eco-cêntrico e uma maior sintonia com a vida de outros nesta Terra, aqueles morando baixo dos nossos pés, crescendo nos buracos das calçadas, rastejando pelo chão das nossas casas.

Muito obrigado.